

INTERCOM - 2000

GT COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

COORDENADOR: PROF. Dr. ADILSON ODAIR CITELI

**TÍTULO: REFLEXÕES A RESPEITO DO PAPEL DA
UNIVERSIDADE FACE À TECNO-CIÊNCIA.**

AUTORA: PROFa. Dra. LUCILENE CURY

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES - CCA

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES - ECA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP

RESUMO:

Discute-se neste texto, que faz parte de um Projeto de Pesquisa mais amplo - Os Efeitos da Globalização no Processo de Comunicação - o papel da informação e, conseqüentemente da informatização, no processo de Educação e a partir dessa relação indissociável, questiona-se o desempenho atual da Universidade, em face do componente irreversível que é o avanço tecnológico.

O ensino e a pesquisa ficam necessariamente alterados e focaliza-se em primeiro plano a responsabilidade acadêmica nos dias de hoje, no sentido da competência profissional e mais

amplamente no sentido do seu engajamento real na sociedade que representa, a fim de melhor entendê-la, para transformá-la.

De um modo geral, não se trata de sujeitar a Universidade às tecnologias de informação, nem, evidentemente de recusar tais tecnologias, mas de refletir sobre esse novo papel da Universidade, em face das mudanças na organização social.

PALAVRAS- CHAVE: UNIVERSIDADE
SOCIEDADE
TECNO-CIÊNCIA

Este trabalho constitui apenas uma contribuição, ainda embrionária, uma espécie de início da caminhada para a reflexão do problema que nos apresenta o fim de século e início de milênio, que estamos vivenciando. De maneira que não pretendemos ultrapassá-lo neste momento, apenas apresentar a inquietação que nos move e que nos faz atentos para trabalhar no desenvolvimento do tema. É assunto de um projeto de pesquisa que dura já um ano e deve continuar por mais alguns outros, dentro do grande marco teórico que é o desenvolvimento desenfreado da globalização econômica e seus efeitos nos processos de Comunicação e Educação.

Colocamos em foco, primeiramente, o papel da Universidade.

O conhecimento, o saber, a ciência e a tecnologia, sua diletta filha, são o foco do problema, ou melhor dizendo, um falso problema, ou uma falácia, pois, se a idéia da ciência é o princípio básico e norteador da Universidade, então as conseqüências daí advindas não podem ser consideradas problemas, ou seja, o problema real e consistente é como tratar essas características atuais da sociedade irreversivelmente transformada, de modo a nela operar com dignidade, com competência e efetividade.

Estão em jogo não somente a Instituição UNIVERSIDADE, mas a sociedade em geral e a cultura que lhe é intrínseca, além do controle que se faz e desde sempre se fez à natureza.

Do ponto de vista da pesquisa o debate vem se organizando em torno do que se convencionou chamar de "finalização" da pesquisa. Uma pesquisa "finalizada" é uma pesquisa autoritariamente programada, orientada, organizada em vista de sua utilização, quer se trate de técnica, de economia, de medicina, de psicossociologia, quer de potência militar - e, na verdade, de tudo isso ao mesmo tempo. Diz-se pesquisa "finalizada" onde, há não muito tempo, se falava de "aplicação". Prefere-se "finalizar" a "aplicar", pois a palavra é menos "utilitária" e permite inscrever as finalidades nobres no programa (DERRIDA, 1999, 139 - 140).

Opõe-se a esse conceito de pesquisa finalizada o de pesquisa "fundamental", desinteressada, descompromissada com as finalidades utilitárias.

Sabe-se e supõe-se que sempre se soube, que essa oposição ainda que real, é limitada.

"A rigor é difícil mantê-la, tanto no conceito quanto na prática concreta, especialmente nos campos modernos das ciências formais, da física teórica, da astrofísica, da astronomia, da química, da biologia molecular. Em cada um desses campos, menos dissociáveis do que nunca, as questões de filosofia dita fundamental já não têm simplesmente a forma de questões abstratas, por vezes epistemológicas e colocadas "a posteriori", mas operam no próprio interior da pesquisa científica nas mais diversas modalidades. Não se pode mais distinguir entre, por um lado, o tecnológico e, por outro, o teórico, o científico ou o racional. A palavra tecno-ciência deve impor-se, e isso confirma que entre o saber objetivo, o princípio de razão, uma certa determinação metafísica da relação com a verdade, há certamente uma afinidade essencial" (DERRIDA, 1999, 140-141) .

Na mesma linha de raciocínio, segue o autor no que se refere ao conceito de informação ou informatização como sendo o operador mais geral, pois incorpora o fundamental no finalizado, o racional puro no técnico, comprovando assim essa co-vinculação inicial entre a metafísica e a técnica.

Como conceito, ele explicita: a informação não informa somente fornecendo um conteúdo informativo, ela dá forma. A informação é a estocagem, o arquivamento e a comunicação mais econômica, mais rápida e mais clara das notícias. A tecnologia dos computadores, dos bancos de dados, das inteligências artificiais em geral, constrói-se sobre essa determinação instrumental de uma linguagem calculável (DERRIDA, 1999, 145) .

Há que se tentar definir novas responsabilidades face à sujeição total da Universidade às tecnologias de informatização. Não se trata, evidentemente de recusar tais tecnologias, mas de redefinir essa nova responsabilidade, assim como a reestruturação de uma comunidade de pensamento, para a qual a fronteira entre pesquisa fundamental e pesquisa finalizada não estivesse mais assegurada, pelo menos, não nas mesmas condições em que se encontra ou, se encontrava antes. Uma comunidade de pensamento, no sentido mais amplo possível, não somente de pesquisa, de ciência ou de filosofia.

Essas novas responsabilidades que recaem sobre a Universidade não podem ser apenas acadêmicas, ou intra-universitárias, controladas pelas normas profundas e pelos programas que aí são analisados. Não importa apenas formular questões, mas preparar-se para transformar a cena pedagógica, colocando-a em relação com as instituições em geral, com seu interior, mas também com seu exterior. Nesse sentido, cabe também redefinir o conceito de comunidade e o de instituição.

Mas, adverte ainda: "Cuidado com o que abre a Universidade para o exterior e para o sem-fundo, mas cuidado também com o que, fechando-a em si mesma, não criaria senão um fantasma, sem existência concreta e útil, completamente à serviço de quaisquer interesses. Diz, e ao mesmo tempo, questiona: cuidado com as finalidades; mas o que seria uma Universidade sem finalidades ?" (DERRIDA, 1999 -155)

E, encaminhando seu pensamento para outra faceta da Universidade, do ensino, ele esclarece que a função de determinar esses caminhos teóricos a que a Universidade deve seguir é a do chefe teórico, o docente, esse conhecedor das causas e detentor da razão ou do logos, que é reconhecido pelo seguinte signo: a capacidade de ensinar.

Avançamos então, para um outro tipo de questão: como ensinar? como inserir a tecnologia gerada pela vertente da pesquisa, nas condições atuais de ensino existentes na Universidade? Como transformar essas condições para adequar o ensino às circunstâncias do nosso tempo? Como efetivamente participar da construção de um novo tempo social, aberto ao espaço exterior à Universidade, o que nos parece ser a finalidade da Universidade, ainda que com todos os cuidados que tomamos nas páginas anteriores.

Se tomarmos as idéias de J. M. BARBERO basicamente expostas no célebre livro - De los Medios a Las Mediaciones, de 1987 , no que se refere ao papel das mediações, vamos ter como docentes, que conduzir à intensificação dos contatos entre os humanos que ajudamos a formar, com a sociedade que aí está, para que esta os incorpore, a fim de que eles possam nela interferir.

Como imagem podemos sugerir uma bola de neve ou um fio de novelo que se desata e movimentam-se ao sabor do espaço que encontra e do tempo que tem para movimentar-se.

É tarefa urgente essa, pois o planeta posto em relação (como propõe PIERRE LÉVY, principalmente a partir das idéias expostas em seu livro Tecnologia da Inteligência Artificial, 1993) conduz à intensificação dos contatos em escala planetária.

Propõe-se então, uma nova abordagem para atender às características desta época atual, que se caracteriza pela multiplicação crescente dos contatos e pela desterritorialização. Essa condição móvel, que multiplica os contatos, que substitui o transporte físico pela transmissão de mensagens é nossa condição atual, na qual precisamos estar se desejarmos compreender os fenômenos culturais e sociais para neles atuar, por nós mesmos enquanto profissionais ou pelas ações dos alunos que nos são confiados.

Trata-se de uma nova conexão, a da humanidade consigo mesma, um reencontro, um recomeço, uma nova proximidade, uma outra noção da presença, ou o que se costuma chamar de virtualidade.

Conceito esse que possui variadas interpretações, críticas severas ou paixões desenfreadas, com o qual não vamos tratar nas limitações deste texto, mas que é também foco de análise nossa, em um Ciclo de Leituras Dirigidas que tratamos de desenvolver neste ano 2000, juntamente com alunos de Graduação e de Pós-Graduação na Escola de Comunicações e Artes da USP.

Mas, o que nos interessa tratar agora, é o nosso posicionamento nesse espaço em que vivemos e atuamos e, para tal reflexão vamos tecer algumas considerações sobre ele, pois: "NADA PODE PARAR UMA IDÉIA CUJO TEMPO CHEGOU".(MAFFESOLI, 2000, 54), quando cita VICTOR HUGO no final do seu texto - Mediações simbólicas - a imagem como vínculo social.

Iniciamos por uma apresentação das relações entre o centro e a periferia, com todas as conseqüências resultantes quer em termos geográficos ou de poder, de inserção ou de exclusão.

O centro é um nó de fluxos, densamente interconectado consigo mesmo e com o mundo, enquanto a periferia é uma extremidade da rede e uma zona de interações de curto alcance e baixa densidade, sendo os contatos mais distantes, difíceis e custosos. A periferia é mal conectada consigo mesma e suas ligações com os meios são controladas pelo centro.

Obviamente, portanto, que o fenômeno da interconexão em curso reforça a centralidade, o poder dos centros intelectuais, econômicos e políticos já estabelecidos. Mas também é verdade que os movimentos sociais, as redes de solidariedade, as iniciativas de grupos e projetos pedagógicos alternativos, dentre outras experiências de democracia mais participativa, podem ter acesso a melhores condições de vida, se coletivamente participarem desse poder, algo parecido com a chamada Inteligência Coletiva (LÉVY, 1993).

Cada vez mais será um poder nascido da capacidade de aprender e de trabalhar de maneira cooperativa, relacionado com o grau de confiança e de reconhecimento recíprocos reinantes num contexto social.

Essa questão do poder (ou do centro) e da exclusão (ou da periferia) deve remeter-nos às nossas capacidades coletivas aqui e agora e não a atitudes de ressentimento, de luta ou de forte animosidade, próprias das situações de conflito e confronto entre as diferenças e as antíteses. Chama-se a isso também de tolerância e se constitui num amplo campo de estudos a ser desenvolvido neste fim/início de milênio (WALZER, 1997).

Claro está também, que essa tendência não vai acarretar automaticamente mais igualdade entre os homens, mas deve levar sim a um novo relacionamento, que seja favorável aos grandes princípios humanistas já proclamados desde a Revolução Francesa; de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Principalmente porque as conseqüências do estopim da globalização alteram as condições do estar-no-mundo. Todas as cidades recebem todos os povos, todas as mercadorias são selecionadas pelo seu valor de mercado e compradas das regiões que possuem a mão de obra mais barata, escravizada, explorada e assim por diante. É sim uma questão econômica essa da globalização, mas é também de efeitos múltiplos, de alteração nas relações humanas, quer se aceite essa idéia ou não. Basta caminhar por qualquer rua de qualquer cidade, da periferia ou do

centro, de qualquer país, ou entrar em qualquer "free-shop" existente em qualquer aeroporto, que a sensação é a mesma. Entramos no mundo dos asiáticos, os produtos são chineses, tailandeses, principalmente, e são comprados por todas as classes sociais, o que varia é apenas o preço dependendo do local em que a mercadoria está sendo vendida, se nos camelôs das ruas e calçadas, praças ou "camelódromos" a eles destinados ou se em locais especiais para as classes mais favorecidas.

Uma das idéias sustentadas pelo pensador PIERRE LÉVY, da Universidade de Paris VIII é que haverá logo, cada vez menos excluídos. E segue então explicitando sua idéia: a questão é quanto à natureza do processo - se passivo e unidirecional ou dialógico e interativo? Emancipador ou criador de novas dependências? (MARTINS, 2000 , 204)

Ao se deter no ciberespaço ele o concebe como um dispositivo de comunicação qualitativamente original, que deve se distinguir das outras formas de comunicação de suporte técnico. Assim, a imprensa, o rádio e a TV, funcionam segundo um esquema:

UM PARA TODOS - um centro emissor envia mensagens na direção de receptores passivos e isolados uns dos outros. Não há, segundo ele, reciprocidade, nem interação.

O correio e o telefone desenham um esquema em rede, ponto a ponto, do tipo: UM PARA UM, no qual, ao contrário da irradiação da mídia, as mensagens podem ser endereçadas com precisão e, sobretudo, trocadas com reciprocidade. Observa ainda que esse esquema não cria comunidade, pois a partilha de um contexto em grande escala é muito difícil.

Então, sua noção do ciberespaço combina as vantagens dos dois sistemas anteriores:

- permite, ao mesmo tempo, a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto, que emerge da interação entre os participantes.

- trata-se de uma comunicação conforme um dispositivo: TODOS PARA TODOS.- que é condição favorável ao desenvolvimento de processos de inteligência coletiva.

Assim, a comunicação daí derivada é, segundo o autor, interativa e coletiva, constituindo por tal característica a principal atração do ciberespaço.

O surgimento do ciberespaço cria uma situação de "desintermediação", cujas implicações políticas e culturais estão aí para ser analisadas, também pela Universidade, ainda que de maneira embrionária, inicial. Como uma das funções da Universidade é a de representar a sociedade

(DERRIDA) e, os cientistas dela oriundos devem levar aos cidadãos da sociedade da qual participam, a informação de maneira simples, acessível, capaz de transformá-los em inteligências associadas e definidas como Inteligência Coletiva (PIERRE LÉVY).

É, portanto, o ato de compartilhar, desde a criação até o produto final da atividade científica em desenvolvimento, dentro de um novo parâmetro de comunicação ou de acesso à comunicação. Os novos processos de intermediação, dos quais a Universidade participa, resultam dos próprios indivíduos e correspondem às necessidades e interesses destes.

São, assim, mediações simbólicas, onde a imagem atua como vínculo social numa sociedade, cuja totalidade dinâmica a torna irrepresentável. Então, pergunta-se: como fazer para intelectualmente abordar os problemas ligados a esses fenômenos atuais?

Inicialmente é preciso considerar que a abordagem desse problema deve ser de absoluta serenidade frente ao novo contexto vivo, mutante, em inflação contínua da comunicação humana. Serenidade para lidar com esse novo contexto, até porque ele representa o fim, mesmo que hipotético, dos contextos modernos, para os quais fomos devidamente formados, o que constitui um grande desafio, principalmente no sentido de compreender que o imenso hiperdocumento planetário da WEB, o Correio Eletrônico, os Grupos de Discussão, que configuram a interconexão mundial dos computadores, está tomando sentido sob nossos olhos.

Observa-se igualmente o seguinte:

- a aparição de um hiperdocumento produzido e lido virtualmente por todos, ou um “metatexto” que manifesta a mensagem plural e não totalizável que a humanidade envia para si mesma, no fundo é uma interface entre seres humanos, um modo objetivo de pôr subjetividades em relação.

Fazendo um paralelo, para melhor compreensão do assunto que estamos abordando, temos que o Estado, as religiões, a mídia e outras formas culturais/sociais/econômicas, a Universidade, dentre elas, sempre pretenderam representar coletivos humanos, dar-lhes uma forma. Ocorre que todas essas tentativas de representação são parciais e redutoras, como já se sabe há muito, ao mesmo tempo sabe-se também e não surpreende nada, que a Internet seja irrepresentável e, talvez por isso, por encarnar a primeira materialização não-redutora da cultura,

do contexto ou do hiper-contexto mediador é que assusta tanto, leva ao desconforto, por ser visível hoje, que a totalidade dinâmica da sociedade é irrepresentável.

A situação se afigura circunscrita nos seguintes parâmetros:

- só há virtualmente uma sociedade;
- o texto multiplica-se, complexifica-se, explora-se cada vez melhor com novos instrumentos de pesquisa e de navegação.

Por outro lado,

- só há um texto: o texto humano;
- só há uma página, mas desterritorializada, página plural que cresce e muda conforme o processo de leitura e de redação distribuídos em massa, simultâneos, paralelos.

Paradoxal? Claro que sim!

Um universal sem totalidade.

Claro está que a realidade é complexa. E, mais do que nunca precisamos de serenidade para a prática do conhecimento que parte de uma realidade complexa. Claro que sim, que o nosso objeto de análise é complexo, sempre foi, ainda que nem sempre tenha sido assim tratado. Hoje, os tempos são outros e exigem um pensamento também complexo para as tentativas de compreensão de um universal sem totalidade.

EDGAR MORIN, Professor, Pesquisador e Presidente da Associação para um Pensamento Complexo, de Paris, contribuiu já muito, no sentido de elucidar tal enfoque, apresentando as condições epistemológicas para as pesquisas na área. Em texto publicado de um debate realizado em Lisboa, em 1983, entre ele e sete professores universitários portugueses sobre o tema do problema epistemológico da complexidade, Morin cita Gaston Bachelard como sendo o grande filósofo que falou sobre a complexidade, ainda que, segundo ele, não tenha sido profundamente compreendido (MORIN, 1996).

São suas as seguintes observações:

- a idéia da complexidade reapareceu marginalmente, a partir da cibernética e da teoria da informação e foi Warren Weaver (co- formulador com Shannon da teoria da informação), quem escreveu um artigo sobre a complexidade, no início dos anos 50, abordando que o século XIX tinha presenciado o desenvolvimento das ciências da complexidade desorganizada

(referindo-se ao segundo princípio da termodinâmica) e que o século XX deveria presenciar o desenvolvimento das ciências da complexidade organizada. Mas, é preciso observar que a complexidade não se reduz à complicação, conforme alguns desses autores pudessem às vezes julgar;

- a idéia da complexidade é qualquer coisa de mais profundo; é o problema da dificuldade de pensar, porque o pensamento é um combate com e contra a lógica, com e contra as palavras, com e contra o conceito;

- esse problema é hoje colocado pela enorme transformação que opera nas ciências da natureza e do homem, além do que, tornou-se uma exigência social e política vital deste século, pois é possível perceber que o pensamento mutilante, aquele que se engana, não porque não tem informação suficiente, mas porque não é capaz de ordenar as informações e os saberes, é também um pensamento que conduz a ações mutilantes (MORIN, 1996, 13-14). E, pensamos nós, que a ação social mutilante é absolutamente reducionista e não dá conta de compreender o mínimo do que se passa na realidade social, portanto também impraticável enquanto conduta para a ação científica.

Em outro livro (MORIN e NAÏR, 1999 - 15), ao escrever sobre a perda dos fundamentos, ele coloca o problema da técnica com o seguinte teor:

"A fé no progresso guiou-se desde o século XIX pela certeza de que os desenvolvimentos da ciência, da técnica, da economia, eliminariam a barbárie da história humana e garantiriam o triunfo da civilização. Hoje, parece cada vez mais claro que os desenvolvimentos da ciência, da técnica e da indústria são ambivalentes, sem que seja possível decidir quem vencerá - se o melhor ou o pior" . A que acrescentamos - o que será o pior ou o melhor?

São inúmeras as reflexões possíveis sobre a questão, principalmente nestes tempos da biotecnologia, mas ao mesmo tempo da epidemia da febre amarela...

Citando outra vez o Professor Maffesoli, que pontua em texto a respeito das mediações simbólicas (MAFFESOLI, 2000, 44): "É o momento de ver o que cessa (nesse estudo específico, intrínseco ao papel da Universidade), para melhor apreciar o que tende a ocupar-lhe o lugar. Assim, é preciso que a Universidade trate de conhecer o que germina, em profundidade, a fim de propor pistas para bem realizar essas reflexões" .

E é essa justamente a nossa proposta, quando abordamos em nossas aulas o tema, quando lemos o que está sendo publicado no mundo, quando aprendemos com nossos alunos sobre o assunto, quando discutimos em congressos que é preciso tratar do tema, ainda que com insegurança, tentando seguir junto, compreendendo, ou pelo menos, tentando compreender, assim como fazemos neste presente texto de reflexão sobre o novo papel da Universidade.

São muitas as conseqüências destes tempos que se propõem para análise.

Dentre elas, a Pós - Modernidade ou:

- o retorno ao local, a importância da tribo e a colagem mitológica.

O local como vínculo, que não se constitui a partir de um ideal longínquo, mas, que ao contrário, baseia-se organicamente na posse comum de valores enraizados: língua, costumes, culinária, posturas corporais, coisas do cotidiano. E é o geógrafo da USP, Professor Milton Santos, quem melhor explica essa questão do local, segundo nossa compreensão.(Referências na Bibliografia).

O termo indivíduo parece superado, talvez seja preciso falar, na chamada pós-modernidade de uma "persona" que desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. Nas suas conferências, quando está aqui no Brasil, o Prof. Maffesoli esclarece: trata-se de se juntar aos seus outros, com os quais é possível falar, trabalhar, passear, mais fácil e compensador do que lutar por territórios (que já nem existem mais...), ressentir-se com os contrários, com os opositores.

De um modo geral, a identidade fragiliza-se e as diferentes identificações, em contrapartida, multiplicam-se. Trata-se de se perder no outro, mas naquele que é possível perder-se, de modo que as diferenças continuem existindo, mas que seja possível, escolher-se com quem se quer estar, sempre que possível, é claro..

Assim, a Pós - Modernidade não acredita mais no aspecto inexorável do progressismo, mas dá muito mais importância à sabedoria "progressiva" que busca a realização do eu e o desabrochar pessoal no instante, e no presente, vividos com toda a intensidade.

Na Pós-Modernidade nascente, a tecnologia favorece um real encantamento do mundo e para enfatizar tal fenômeno, pode-se falar de renascimento de um mundo imaginal, ou seja, de uma maneira de ser e de pensar perpassadas pelo imaginário, pelo imaterial.

Seja como for a maneira de expressão do imaginal, virtual, lúdico, onírico, ele estará presente e não será mais relegado à vida privada e individual, mas figurará como elemento constitutivo de um estar-junto fundamental.

Tal constatação parece afirmar que o social cresce em socialidade, integrando formas humanas descartadas pelo racionalismo moderno, mas que são essencialmente humanas e devem fazer parte da análise que se faz do homem em sociedade, sem o que a análise é ridiculamente incompleta, fragmentária e reducionista, portanto, não serve mais aos tempos que não comportam representações fechadas e acabadas da sociedade, que é móvel, desterritorializada e absolutamente dinâmica pelo fluxo constante da comunicação.

Nossa época se apresenta como de profunda atenção para com a instabilidade das coisas mais instituídas e é preciso, portanto, tratar essa questão de frente. Trata-se de um trabalho de envergadura, que exige uma postura intelectual audaciosa, é mais um desafio a ser enfrentado e, urgentemente, para não acontecer de que o pensamento se marginalize e não seja mais competente para as análises necessárias à época.

J. J. BRUNNER, Diretor do Programa Educación da Fundación Chile, sociólogo e estudioso das questões suscitadas pela chamada Pós-Modernidade, que trabalha com temas relacionados à inovação educativa, às novas tecnologias para o setor e com a reforma para a Educação, afirma em uma entrevista dada à revista Capital Especial Chile 2000 -(Abril 2000 -p. 10):

"Caminhamos para uma sociedade de riscos cada vez maiores. Riscos de todo tipo: ambientais, culturais, familiares, trabalhistas, tecnológicos, de segurança urbana... O único certo é que tudo é incerto e que o futuro é propriedade de ninguém".

Avança ele, na discussão que efetivamos aqui, ao enfatizar que caminhamos para um novo tipo de organização social e do trabalho; os intercâmbios, a experiência e as formas de vida e poder - sustentadas por uma economia global, cuja base é a utilização do conhecimento. Estamos ante uma transformação que mais que o uso de dispositivos tecnológicos avançados se deve a uma mudança radical do contexto cultural em que vivemos:

Primeiro Ponto - o conhecimento e a informação deixam de ser escassos e estáveis. Ao contrário, estão em permanente processo de expansão e renovação.

Segundo Ponto: os canais de informação e comunicação se multiplicam.

Como reação frente a essas mudanças, na esfera da produção e das comunicações - do conhecimento e da globalização - parece instalar-se em muitos pontos de nossa cultura, um difundido sentimento de mal-estar com a Modernidade contemporânea.

Em relação ao setor da Educação pode-se perceber um maior acúmulo de excludentes ou excluídos, grande concentração de poder, de recursos e de capacidades. Ele está na verdade referindo-se ao caso chileno, mas que pode ser facilmente transposto para o Brasil e para a América Latina em geral, um exemplo de região periférica em relação ao já aludido centro do poder.

No que diz respeito rede Internet temos a mesma linha que divide as nações entre educandos e iletrados, homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e adultos, urbanos e rurais. Mas, o que sucede agora é que todos os Meios convergem e coexistem em um espaço multidimensional, criando a sensação de que nada é fixo e que tudo depende do ponto de vista do observador.

Fruto da globalização, que confunde a homens e deuses, segundo suas próprias palavras, suas convergências tecnológicas e divergências sociais e culturais, nos põe necessariamente ante este tipo de dilema político e intelectual, perante o qual há que se fazer algo, há que tentar compreender, refletir e fazer indagações.

No fundo, no fundo, a Educação tem a ver com "fazer sentido" no mundo em que se vive e deve levar a com ele interagir, para tentar resolver os problemas que se nos propõem.

Em recente livro sobre a globalização (BRUNNER, 1998), nos apresenta que a esta altura dos acontecimentos neste mundo totalmente imaginário, sem fundamentos, que desfaz tudo o que antes existia, nada se obtém com revelar e denunciar as "ilusões", o que importa, o que se faz necessário neste momento é compreender a experiência de existir num mundo tal, onde tudo parece fluir e nem mesmo os pontos de vista conseguem manter-se em pé.

Concordamos com ele e o citamos uma vez mais (BRUNNER, 1998 - 20):

"De fato, a revolução das comunicações supõe, além das condições técnicas que a fazem possível, uma intensificação da esfera da circulação. Somente o que circula é real. São os intercâmbios e não a produção, o que determina as formas de vida na época pós-moderna. A

informação, e não o dinheiro, é a mercadoria por excelência das redes globais. Mas esta mercadoria, em vez de produzir uma 'coisificação' das relações humanas, o que faz é levá-las para dentro, interiorizando-as no sentido da subjetividade"

E, mais do que chegar a uma conclusão sobre a época, o que interessa é entendê-la, procurar estabelecer os vínculos que nela se estabelecem.

Por fim, para focalizar o mais novo espaço desta era tecnológica, o chamado ciberespaço, que, principalmente a partir da Internet, apresenta-se como um novo meio de comunicação massiva, ainda que tenhamos resistência para admiti-lo. Isso, por si só, já transforma a cena social na qual nos encontramos e para a qual há que se estar atento, preparado inicialmente para se adaptar e para em seguida, agir.

Trata-se de uma nova revolução, a Revolução Digital, dos telefones celulares e da Internet, somente comparável à Revolução da Imprensa, motivada por Gutenberg, no século XV. Revolução essa que também excluiu e ainda exclui, os que não conseguiram sair da oralidade, nossos milhões de analfabetos, passados que são já, cinco séculos.

Fracasso da Educação? Falta de competência dos educadores? Questão política?

Bem, diante de uma nova Revolução há que se tomar partido agora, urgentemente, através do entendimento, da compreensão, do conhecimento, que é a nossa arma e, parece que assim faremos todos, educadores, comunicadores, jornalistas, sociólogos, pensadores em geral, para que não se perca mais uma vez o bonde da história... ou ... se fique "a posteriori" atrás da chamada "década perdida".

Arriscar-se-á aqui um enunciado, para reflexões futuras, não contempladas neste texto:

_ Por uma "banalização" da ciência a favor da sociedade _ , que deverá ser contemplada com sua inclusão nos debates e, principalmente nos seus efeitos, sejam eles tecno-científicos ou não.

BIBLIOGRAFIA

- BARBERO, Jesús M.. *De los Medios a Las Mediaciones*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1987.
- BRUNNER, José J.. "Alto Riesgo". Capital Especial Chile 2000. Abril 2000, p.10-15.
- _____. *Globalización Cultural Y PosModernidad*. Santiago, Fondo de Cultura Económica Chile, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *O Olho da Universidade*. São Paulo, Estação Liberdade, 1999.
- LÉVY, Pierre. *Tecnologias da Inteligência-O Futuro do Pensamento na Era da Infomática*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.
- MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da (org.). *Para Navegar no Século XXI*. Porto Alegre, Edit. Sulina, 2000, 2a. ed..
- MORIN, Edgar. *O Problema Epistemológico da Complexidade*. Portugal, Publicações Europa-América, 1996.
- _____. e NAÏ R, Sami. *Uma Política de Civilização*. Lisboa, Instituto Piaget, 1997.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo, HUCITEC, 1996.
- WALZER, Michael. *Da Tolerância*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.